



Aaron | Fischer

Carlos Sotto Mayor

Cap.2

Aaron Fischer



CAPÍTULO 2

III

Aaron corria a toda velocidade pelas ruelas da vila em direção de sua casa. Pessoas passavam por ele, vindas da praça, mas sequer olhavam duas vezes para seus braços ou para Sarah, que tinha seu vestido ensopado em sangue.

Ele não saberia dizer quanto tempo levou para conseguir chegar, mas não poderia ter levado mais do que algumas dezenas de minutos. Aaron arrombou a porta, sem tempo para procurar por suas chaves.

Jonas irrompeu do seu quarto alarmado, com uma faca na mão, tentando entender o que estava acontecendo. No entanto, ao ver os dois jovens cobertos de sangue, correu até eles para ajudar, parando por um segundo ao notar os braços de Aaron envoltos pelo mineral negro, assim como as visíveis mudanças corporais, enquanto ajudava seu filho a colocar Sarah na velha mesa de madeira onde celebraram na já tão distante noite passada.

— O que aconteceu com vocês, onde estão Philip e Josh? – Jonas tinha um tom na voz que Aaron nunca havia escutado. Sua mente era um turbilhão de sentimentos e memórias, ele não conseguiria explicar a seu pai aquilo que acabara de acontecer, pelo menos não ali, não enquanto Sarah morria bem diante de seus olhos:

— Salva a Sarah, pai, por favor! Só isso... – Aaron chorava desesperado.

Enquanto falava, Jonas levou dois dedos ao pescoço de Sarah para sentir sua pulsação e, por um segundo, uma profunda tristeza, que quase passou despercebida por Aaron, o invadiu:

— O que aconteceu, por que alguém iria ferir essa garota assim?

Onde estão Josh e Philip, Aaron?! – Mas o garoto não conseguiu responder nada além de poucas palavras.

– Nos abandonaram para morrer, fugiram e nos deixaram!

Jonas não demonstrou se abalar com o fato de Josh e Philip terem abandonado Aaron e Sarah. Sem tempo para responder algo, ele começou uma massagem cardíaca, tentando por vários minutos reanimá-la, até que parou, olhando para Aaron, que chorava silenciosamente.

– Eu sinto muito, filho. Mas ela já não está mais conosco...

Aaron se deixou cair na cadeira, tentando compreender o que havia acontecido. Ele tinha perdido Sarah por causa de uma brincadeira idiota, uma brincadeira que ela se colocou contra desde o começo, mas que por conta dele foi convencida a participar. Aaron sentiu seu pai lhe abraçar com seus braços fortes, trazendo um pouco de conforto, mas o choque da perda ainda era muito grande. A morte era algo que sempre existira na vida de Aaron. Desde criança via os moradores da vila partirem para o mar e não retornar, os via morrer doentes e desassistidos e até assassinados pelo Império mas, para ele, era algo que só podia acontecer com os outros, não era algo possível de ocorrer com alguém tão próximo:

– Não, não pode ser... ela estava viva... eu... ela... – Aaron voltou a se calar, as palavras lhe escapavam e ele só conseguia olhar para seu pai e chorar.

O abraço durou por mais algum tempo até Jonas interrompê-lo, pegando a cabeça de Aaron entre suas mãos e o olhando nos olhos tomados pelas lágrimas:

– Eu sei que é difícil, mas você precisa me dizer o que aconteceu!

Aaron balançou a cabeça, ainda sem conseguir falar. Jonas pegou em seus braços, apertando-os:

– Vamos Aaron, me responda, pelo menos, se estamos em perigo!

– Eu os matei, pai... Matei todos os soldados que nos atacaram! Ninguém mais viu o que eu fiz. Estamos seguros...

Jonas olhava para Aaron de olhos arregalados, a urgência tomando conta de sua expressão:

– Não Aaron, não estamos! Eles não se importam com quem foi, eles matarão a vila inteira como retaliação!

– Eles não teriam coragem...

– Você sabe que é exatamente isso que eles irão fazer, Aaron!

– Eu posso proteger a vila, eu acabei de matá-los facilmente! – Aaron não poderia deixar a vila ser massacrada por um erro seu. Ele sabia que nunca conseguiria se perdoar pela morte de Sarah e pelo massacre da Vila do Arpão inteira – lugar onde ele havia nascido e crescido, seria culpa demais para ele carregar.

– Nós os protegeremos, meu filho! Só deixe-me pegar algumas coisas que irão nos ajudar!

Jonas se virou, indo até o fogão a lenha da cozinha e arrastando-o para longe da parede sem muita dificuldade. Com um movimento do seu pé, uma tábua do piso de madeira, de onde por anos esteve o móvel, se soltou. Com pressa, ele retirou o restante das tábuas, revelando uma espécie de compartimento secreto, de onde retirou

três embrulhos cobertos em panos mofados e sujos de areia. Enquanto seu pai caminhava de volta até ele, Aaron perguntou:

– Pai, e o corpo de Sarah? Nós não podemos simplesmente deixá-lo assim ou jogá-lo em qualquer buraco no chão. – A dor da perda ainda inebriava as outras emoções. Ele queria dar um enterro especial a ela, se despedir da sua grande amiga, do seu primeiro amor. Não poderiam simplesmente enterrar seu corpo às pressas e partir para a batalha.

– Não temos muito tempo até que o restante do batalhão ataque a vila. Teremos que esconder o seu corpo e velá-la amanhã. Você consegue levá-la em suas costas até meu barco de pesca?

– Sim, por quê?

– Lá, o seu corpo estará seguro, ninguém o encontrará. Além disso, precisamos tocar o Sino das Docas... Avisar do perigo iminente!

Aaron concordou, colocando o pequeno corpo de Sarah nas costas, disparando em direção ao cais, seguindo o seu velho pai.

Ele sentia a adrenalina invadir o seu corpo novamente. A antecipação da batalha iminente foi colocando seu luto para um lugar mais profundo de sua mente:

– Mas os moradores evacuarão a cidade quando ouvirem o sino e darão de cara com o batalhão invadindo a cidade!

– Melhor do que serem pegos de surpresa, dormindo em suas camas!

Quando chegaram as docas, já era madrugada alta. O lugar, que mesmo àquela hora costumava ter seus frequentadores – fossem

os bêbados tentando voltar para casa, fossem os pescadores já preparando seus barcos para navegar – estava estranhamente vazio. O silêncio imperava, cortado apenas pelo som das ondas se chocando contra a pedra do arpão.

O barco de Jonas já estava na água, amarrado à ponta do pequeno ancoradouro e a poucos metros do sino de alerta, utilizado pelos moradores para avisar de perigos, fossem ataques de monstros, tsunamis ou piratas:

– Deixe-a comigo, eu a esconderei. Vá tocar o sino, nos encontramos aqui!

Aaron sabia que seu pai não deixaria nada de ruim acontecer ao corpo de Sarah, por isso apenas concordou com a cabeça, pousando-a gentilmente sobre o convés do barco. Ele olhou seu rosto sereno mais uma vez, antes de correr para tocar imenso objeto.

O som, ensurdecedor e enervante, muito mais alto do que qualquer sino conseguiria emitir, parecia entrar pelas veias de Aaron e congelar seu sangue, lhe fazendo querer correr para longe da sua origem. O imenso objeto era encoberto de runas que Aaron não conseguia ler. Os moradores mais velhos da vila diziam que o sino havia sido forjado com Sjal, a energia que dava aos Elementais seus poderes, e dado de presente ao antigos pescadores, centenas de anos atrás, e por isso conseguia emitir um som tão impressionante. Nem Aaron, nem ninguém com menos de quarenta anos já tinha ouvido aquele sino ser tocado, e mesmo assim, quando seus sons invadissem a Vila do Arpão, ele sabia que o desespero se instauraria instantaneamente!

Em pouco tempo, Aaron estava de volta, satisfeito em se distanciar do som o mínimo que fosse. Nem Jonas nem o corpo de Sarah estavam

à vista, o que fez Aaron concluir que seu pai ainda não tinha acabado de escondê-lo.

Jonas saiu da pequena cabine do barco, vindo em sua direção pelo convés. Ele arremessou para Aaron um dos embrulhos que pegou no esconderijo debaixo do fogão:

— Segura!! – Aaron, displicentemente levantou o olhar para poder pegar o objeto, perdendo a visão do seu pai por alguns segundos e, antes que conseguisse perceber, foi surpreendido por Jonas, que surgiu ao seu lado, se movimentando a uma velocidade pouco natural para acertá-lo com força na nuca, fazendo-o cair desacordado.

Aaron acordou na apertada e já conhecida cabine do barco de pesca comandado por seu pai. Ele tentou se levantar, mas seu corpo inteiro doía como se tivesse sido espancado por horas, e no momento que a dor física o atingiu, as lembranças do que havia acontecido voltaram em dolorosas ondas, lhe fazendo deitar novamente. A agonia era muito superior a qualquer dor que seu corpo já tivesse sentido.

Ele se forçou a sair da cama, precisava saber o que teria acontecido. Seu pai lhe devia diversas explicações. A cabine era minúscula, composta de um beliche, que dava direto para uma pequena cozinha onde ficavam um fogão de ferro e uma mesa com lugar para duas pessoas. Logo após a cozinha, ficava a escada que levava para o convés do barco e, debaixo dela, acessível só por uma estreita passagem, ficava a porta do banheiro.

Jonas navegava o velho barco de madeira de quarenta pés e apenas um mastro, impulsionado por um bom vento que esticava a vela remendada, cortando as ondas do tranquilo mar que se apresentava naquele final de tarde. Ao vê-lo, Jonas deixou o leme do barco e fixou

a vela, para poder ir até ele.

— Aaron, você acordou! Graças aos deuses! Como se sente? – Jonas tinha um tom de voz preocupado.

— Mal... por quanto tempo eu dormi e... onde estamos? – A sua voz saiu fraca e estranha aos seus ouvidos. A costumeira raiva já borbulhava levemente em seu interior, ansiando por respostas.

— Três dias... – Aaron arregalou os olhos, surpreso. – ...É normal. Primeira vez que usou seus poderes, além de todo o estresse que você passou. Devemos chegar nos arredores de Lysmat amanhã pela manhã, mas temos que nos manter alertas, com certeza procurarão por fugitivos.

Aaron mais uma vez sentiu seu estômago embrulhar. Ele dormiu por três dias o que significava...

— A Sarah...?

Jonas ficou sem palavras por um segundo, olhando impotente para Aaron, como se pedisse desculpas por algo que sequer tinha controle.

— Não se preocupe, eu lhe dei uma despedida digna dos maiores marinheiros que já navegaram este mar. Esperei você acordar por um dia, no entanto, se esperasse mais do que isso... – As palavras ficaram no ar, cruéis demais para serem ditas em voz alta.

Aaron abaixou a cabeça, triste, com uma sensação de debilidade que nunca havia sentido na vida, apesar de todo o poder que tinha despertado e agora sentia queimar dentro de si:

— Você fez certo... – a vontade de voltar a chorar lhe invadiu, mas

ele engoliu em seco. Não havia mais o que pudesse fazer. Então decidiu mudar de assunto:

— Por que você me atacou? – Aaron olhava de forma dura para seu pai, um olhar de quem não aceitaria a resposta “errada”.

Jonas lhe devolveu o olhar, nem um pouco intimidado por Aaron.

— Eu tive que fazê-lo. Eu te conheço, sei que você não deixaria a vila sem lutar, mas não tínhamos chance contra um batalhão inteiro. Fizemos o que tínhamos que fazer, o que podíamos fazer, alertamos a vila...

— Como você pôde? Você podia partir e me deixar... aquelas pessoas eram inocentes, não tinham nada a ver com as merdas que eu fiz! – A raiva emergiu, fazendo Aaron gritar com seu pai, que lhe devolveu no mesmo tom, assustando Aaron, que nunca o viu falar daquela forma.

— Você acha que eu queria fazer isso, Aaron? Você sinceramente acha que fugi por medo? Tem ideia de quantos amigos eu deixei para morrer? Quantas pessoas queridas? Tem ideia da culpa que eu terei que carregar para o resto da minha vida? O que porra aconteceu que te fez matar quatro soldados?

Aaron murchou, sua raiva sobrepujada pela do seu pai. Ele sentiu sua bochecha corar ao pensar que uma brincadeira idiota como aquela foi responsável por desencadear aquilo tudo. Ele não sabia como contar a Jonas, por isso ficou calado, olhando para ele, buscando as palavras.

— Hein??? – Jonas continuava gritando, furioso!

— Uma brincadeira idiota...

– Uma brincadeira, idiota... – Jonas suspirou, diminuindo o volume da sua voz e assumindo um tom decepcionado – Que tipo de brincadeira idiota?

As emoções de Aaron vinham em ondas repetidas, vergonha e raiva, uma tomando o lugar da outra a cada segundo:

– Nós fomos ao quartel, nos esgueiramos por um buraco na cerca e jogamos algumas bombas de bosta, que Josh e Philip fizeram, para dentro da janela aberta do dormitório deles. Quando estávamos fugindo, acertaram uma lança em Sarah. Uma fúria como eu nunca senti me tomou e meus poderes afloraram... matei os quatro soldados que nos perseguiram, coloquei Sarah nas costas e corri até você.
– Aaron sentia uma tristeza profunda ao lembrar tudo aquilo, aumentada pelo fato de ver quão idiota ele foi, à medida que a contava.

– Meu filho... quantas vezes falei para se manter longe... – Jonas balançava a cabeça incrédulo... – Eu não falava por ter medo, ou respeito por eles, eu falava porque sabia que coisas assim acontecem... O que vocês fizeram foi imprudente, mas não passou de uma pegadinha boba de criança e, mesmo assim, veja o que aconteceu.

Aaron não tinha o que falar, apenas encarava Jonas, envergonhado, indignado. Seu pai o encarou por longos segundos, sustentando seu olhar até que Aaron o desviasse, olhando para baixo.

– Não se culpe, não culpe ninguém, nem mesmo os soldados ou o Exército Imperial. Leve como uma lição de que todos os atos, mesmo os mais bobos, têm consequências imprevisíveis. – Jonas havia adquirido um tom mais duro do que decepcionado, como se finalizasse a lição que queria dar.

Aaron não respondeu seu pai, apenas acenou com a cabeça, dando a entender que compreendia o que ele queria dizer. Os ensinamentos do seu pai sempre agradavam a Aaron, mesmo jovem, ele conseguia reconhecer a sabedoria em cada um. No entanto, estava além da sua capacidade racional não culpar o Exército Imperial pelo assassinato de Sarah e de todas as pessoas que fossem mortas naqueles dias na vila, assim como estava além de sua capacidade não se culpar pelos mesmos crimes. Mas ele não queria discutir com Jonas, ele reconhecia o seu erro e lidaria com ele do seu jeito.

Ainda havia perguntas a serem feitas, e ele não deixaria aquela discussão ou o fato de ter estado errado por gritar e explodir daquela forma impedir que continuasse:

— Você sabia que eu era um Elemental? – Aaron olhava desconfiado para seu pai.

— Você deve ter milhares de dúvidas...

Aaron apenas confirmou, esperando Jonas continuar.

— Imagino. Vamos fazer o seguinte: você fica de olho na navegação, enquanto eu preparo alguns peixes que pesquei mais cedo. Te conto tudo que você quiser saber enquanto jantamos. O que acha?

Só naquele momento Aaron percebeu a fome que sentia, mas a comida podia esperar.

— Não, eu preciso de respostas, pai...

Jonas não se deixou abalar pelo tom ríspido na voz de Aaron.

— Eu sei. Mas a sua história, na verdade a nossa história, é bem longa

e não é do tipo para se escutar ou se contar de estômago vazio.
– Aaron não demonstrou nenhuma reação, então ele continuou.
– Separei alguns peixinhos que pesquei hoje... vamos Aaron, será melhor, seu corpo precisa repor as energias.

O garoto o fitou por um longo tempo, mas não achou nada de diferente naquele homem, além do pai que amara a vida inteira.

– Certo, eu espero aqui.

Aaron sentiu sua barriga roncar, em pé em frente ao leme, à medida que sua raiva e tristeza suavizavam aos poucos, reconfortados pelo cheiro de peixe assando na brasa.

Jonas voltou, lhe passando, com um pequeno sorriso no rosto, um prato com quatro peixes fumegantes.

– Você deve estar faminto!

Com voracidade, Aaron começou a devorar a comida, deixando uma faísca de sorriso voltar a seu rosto, enquanto o fazia.

– É garoto, eu sei que não é fácil. A vida é inexorável, implacável, mas também cheia de oportunidades e possibilidades de ser feliz. A tristeza pelos que se foram e pelo que se foi é normal, mas você não pode deixar nunca esta tristeza te dominar e te tirar estas oportunidades e possibilidades... cabeça erguida, garoto... sempre!

Aaron olhou para seu pai, ele sabia que Jonas tinha razão, principalmente na parte de ser difícil. Ele não deixaria a tristeza ou a raiva engoli-lo. Ele tinha certeza. E também não deixaria que as filosofias de Jonas o distraíssem:

– Então, você já sabia que eu era um Elemental?... – Ele parou por um segundo, pensando. – Você é um Elemental? – Aaron estava mais calmo, mas a sua sede por respostas continuava.

– Sabia, e não, eu não sou um Elemental. Mas antes de tirar qualquer conclusão, deixa eu te contar sua história, e parte da minha. Então você poderá me julgar... – Jonas tinha uma voz séria e melancólica, como se o momento que ele evitou e temeu sua vida inteira, tivesse finalmente chegado.

A noite caiu, escura e sem lua, sem que Aaron percebesse, obrigando Jonas a acender uma fina vela de cera, antes de continuar.

– Este poder da armadura... – Jonas apontou para os braços de Aaron, que antes estiveram revestidos pelo mineral negro -...tem relação com seu passado, não seria bom se as pessoas descobrissem que você o possui.

– Como assim?

Jonas passou alguns segundos encarando Aaron, como se tomando coragem para finalmente revelar a seu filho o seu passado sombrio:

– Seu pai era Logan Grun, o Lobo. O homem que comandou o Exército Negro durante a Guerra dos Deuses Caídos, e você herdou este poder dele. – Jonas o olhava sério, no fundo dos seus olhos. – Esta armadura negra representa várias coisas para diferentes pessoas: medo, esperança... morte. Se descobrirem que você ainda vive, você se tornará a pessoa mais cobiçada do Império, para todos. Então não o use, a não ser em casos de vida ou morte!

– Eu não acho que conseguiria usar o poder da armadura mesmo se quisesse... eu não sei como. – Aaron olhava para Jonas e aos seus

ouvidos tudo aquilo que estava falando soava como um desvairo total. Jonas estava louco, só podia ser. Aquilo não fazia o menor sentido... na verdade, tudo que havia acontecido nos últimos três dias não fazia sentido algum.

— Meu pai foi um genocida... — Aaron queria perguntar sobre sua mãe, mas o primeiro pensamento que lhe veio à cabeça foi sobre as histórias que ouviu sobre a Guerra dos Deuses Caídos, e seu mundo continuava a desabar sobre seus pés, repetidamente.

— Em uma guerra, nos tornamos aquilo que mais tememos, ou morremos... acredite, não existe uma outra opção. Mas, mesmo assim, nem tudo que falam sobre ele é verdade.

Aaron ficou calado, absorvendo aquilo, sem saber o que pensar direito, sem saber se deveria acreditar, mesmo sabendo que Jonas não tinha motivos para mentir naquele momento.

— E minha mã...

Antes que Aaron pudesse completar sua pergunta, um barulho de motor a combustão o interrompeu. Era impressionante a distância que o som conseguia atravessar em uma noite silenciosa no meio do mar. Eles mal conseguiam ver, ao longe, a luz da embarcação do Exército Imperial, mas Jonas sabia que em muito breve seriam alcançados. Os recém-inventados motores a combustão tornaram as embarcações imperiais impossíveis de se despistar.

— Nós não temos muito tempo... — Jonas puxou Aaron pelo braço com urgência em direção a cabine... — Eu preciso lhe entregar algumas coisas.

— Mas é noite, eles provavelmente não viram que estamos aqui,

ainda podemos fugir!

— Não seja ingênuo, Aaron. As equipes de busca do Exército Imperial não saem para caçar fugitivos sem um Elemental com poderes de rastreamento, ou você acha que foi simplesmente azar termos esbarrado com eles no infinito do mar? Você não consegue esconder seu SjäI ainda, sua aura... Eles estarão aqui em poucos minutos.

Jonas arrastou Aaron, ainda confuso, até a cabine.

— Me escute: se por algum motivo tudo der errado, você deve entregar esta carta a Kuma. — Jonas tirou um cilindro oco de madeira, de um dos embrulhos que havia recuperado no chão falso da casa na Vila do Arpão, e o entregou a Aaron. — Você o encontrará sem grandes problemas no subúrbio comum de Lysmat, basta dizer que Gerard o procura, ele é um velho amigo e me deve um grande favor. Ele te dará casa, comida e saberá o que fazer.

— Quem é Gerard?

— É meu verdadeiro nome... deixe-me acabar, se escaparmos, eu prometo que te conto tudo. — Jonas pegou o maior dos embrulhos, tirando uma lança curta negra, feita de vários pedaços de um mineral que muito lembrava a Aaron o mineral da sua própria armadura, ligados por veios vermelhos de um outro mineral, que pareciam pulsar como se sangue corresse dentro daquela arma, lhe dando uma aparência intimidadora, na verdade, assustadora. Seu peso era enorme, desproporcional para seu tamanho ou para qualquer arma, mas para Aaron e sua força recém-desperta, ela possuía o peso ideal.

— Seu pai, seu verdadeiro pai, deixou isso para você antes de morrer. Ele mesmo a forjou...

Aaron olhou maravilhado para arma, um objeto que o conectava a seu passado, uma arma forjada por seu pai biológico e deixada para ele como herança.

Do último embrulho, Jonas tirou uma adaga de batalha. Sua lâmina tinha o formato de um diamante alongado e reluzia como se tivesse sido polida no dia anterior, enquanto seu cabo era feito de uma madeira que parecia ter crescido ao redor da base da lâmina, cultivada com o propósito de terminar de forjar aquela arma. Símbolos, que Aaron nunca havia visto, marcavam a madeira.

Por um segundo, Aaron esperou recebê-la, mas Jonas a guardou na parte de trás da calça, sorrindo para ele:

— Esta é minha. Vamos ver se ainda sei usá-la.

Inesperadamente, Jonas o puxou para um abraço apertado falando em seu ouvido com a voz embargada:

— Eu te amo, filho. Espero que um dia ache em seu coração uma maneira de me perdoar por ter escondido tudo de você.

Tão repentinamente quanto o havia abraçado, ele o soltou, indo em direção às escadas. Eles podiam ouvir o motor da embarcação imperial a alguns metros de distância, já reduzindo a velocidade.

Jonas se virou para falar com ele:

— Me siga, traga a lança empunhada e se prepare para agir.

Aaron obedeceu acompanhando o pai de perto, com a lança pronta em sua mão direita e o coração batendo forte no peito, fazendo seu corpo inteiro vibrar.

Um facho de luz forte já iluminava grande parte do convés do velho barco e Jonas caminhou em direção a ele tranquilamente, falando em voz baixa para que só Aaron escutasse:

– Pare na margem da luz, se mantenha na sombra.

Aaron o fez, parando com as pontas dos pés a poucos centímetros do círculo iluminado, deixando seu corpo inteiro na escuridão da noite sem lua. Jonas continuou, calado. Indo até o centro do facho.

A embarcação imperial era bem maior e estava a menos de um metro, balançando levemente ao sabor do mar, o que impossibilitava que Aaron tivesse a visão de algo além do casco feito de chapa de metal fosco, com o nome escrito em dourado KingsRamson.

– Realizaremos uma inspeção obrigatória em sua embarcação. – A voz aumentada magicamente destoava do silêncio absoluto, que antes só era perturbado pelo leve trepidar do motor.

Uma espécie de ponte feita de madeira foi baixada e a silhueta de dois militares apareceram em sua ponta, seguidos por outras três sombras. Os cinco soldados se aproximaram, olhando fixamente para Jonas, o avaliando de cima a baixo, procurando por alguma ameaça ou armadilha. Todos estavam vestidos em uniformes azuis escuro, que consistiam em uma casaca feita de um tecido mais pesado, com duas fileiras de botões dourados, e o Kraken, ladeado por dois tridentes cruzados: símbolo inconfundível da Marinha Imperial, bordado em linha dourada no peito esquerdo de cada um. Além disso, trajavam uma calça branca simples, com botas de cano alto feitas de couro. Do lado direito de quatro das casacas, assim como nos ombros, estava bordado algo como uma seta com uma linha dourada na sua ponta, e um deles, um homem com o cabelo preto cuidadosamente

penteadado e fixado com gel, olhos negros com um brilho astuto e um andar confiante apesar da pouca altura e aparência magra, possuía algum tipo de bordado diferente na sua ombreira.

Aaron não entendia muito bem diferenças entre distintivos militares mas, pela falta de ornamentos e medalhas, eles pareciam não estar em um nível elevado, mesmo o pequeno homem com a quantidade desnecessária de gel. No entanto, foi ele quem tomou a frente para falar:

– Boa noite senhores, eu sou Bak Karak, primeiro tenente da Marinha Imperial, e estamos aqui, como já foram informados, para fazer uma vistoria nisto que vocês chamam de barco. – A sua voz era petulante, e ele olhava fixamente para onde Aaron estava parado, deixando claro que sabia da presença do garoto.

Jonas falou com uma voz acolhedora, mas o olhar fixado no chão:

– Claro senhor, sejam bem-vindos a bordo, espero poder ser de alguma ajuda. Se aceitarem, posso oferecer água ou um pouco de peixe, as opções não são muitas, mas ficaria feliz em servi-los.

O tenente olhou para ele com um leve sorriso de desprezo no rosto.

– Não será necessário. – Ele se virou com impaciência para os seus homens, tirando os olhos de Jonas e Aaron – vão logo fazer a maldita visto...

Jonas sabia que os marinheiros já desconfiavam que eles eram os responsáveis pelas mortes na Vila. A marinha acreditava, que, em um lugar como a Vila do Arpão, apenas um Elemental poderoso poderia ter matado quatro soldados imperiais ao mesmo tempo, e com certeza eles haviam conseguido a descrição de todas as pessoas

e barcos que porventura escaparam da vila, torturando os pobres coitados que ficaram. Um Elemental maltrapilho, acompanhado de um comum de idade, em um barco de pesca antigo: eles eram os suspeitos perfeitos. Além disso, se levassem a inspeção adiante, achariam a carta endereçada a Kuma, além de sua faca exótica.

Não foi difícil para Jonas calcular que a melhor chance que tinham para sair dali com vida seria um ataque surpresa. Algo que acabasse com a luta antes mesmo que ela começasse. A abertura deixada pelo tenente ao olhar para trás era uma oportunidade tão boa quanto qualquer outra, por isso, antes que o tenente pudesse finalizar seu comando, Jonas avançou a uma velocidade assustadora, sacando sua faca, surpreendendo Aaron com sua agilidade e com um grito:

— Agora Aaron!!

Aaron avançou contra Bak Karak enquanto Jonas fazia um movimento rápido de estocada, que o tenente foi obrigado a bloquear com o braço direito, tendo este atravessado pela lâmina da adaga, ao mesmo tempo em que desviava do golpe de Aaron, com um pulo para trás.

O oficial recuou, com um misto de surpresa e fúria em seu rosto. Ele não esperava a velocidade e a força de Jonas. O seu braço sagrava pelo ferimento, mas ele não parecia se importar.

Os outros marinheiros olhavam para seu superior, esperando um comando, mas Bak Karak continuava encarando Jonas, com um braço esticado, impedindo seus homens de avançar, até que um sorriso levemente confuso se abriu em seu rosto:

— Uma arma rúnica – ele apontou para a faca de Jonas – um comum idoso – ele apontou para Jonas. – E um adolescente Elemental – ele

apontou para Aaron. – Vocês são... – ele olhou para cima, procurando as palavras. – Incomuns. Contudo, fico grato por terem encurtado toda essa baboseira de vistoria. Afinal, quem são vocês?

Jonas estava em posição de guarda, com a faca levantada em frente a seu rosto:

– Não somos ninguém...

– Infelizmente, não é algo que eu possa acreditar. Vocês atacaram um Posto Imperial em uma vila comum. – Ele deu de ombros. – Diante de tudo que vi, só posso presumir que tenham sido vocês. Mataram soldados e feriram um oficial – o tenente levantou o braço que pingava sangue, mostrando o ferimento. – E o pior de tudo; você está portando uma arma rúnica, algo terminantemente proibido.

Bak Karak, baixou o braço que detinha seus homens:

– Eu os quero vivos!!!

Os marinheiros avançaram de forma sincronizada, um passo de cada vez, se dividindo em duplas, enquanto o tenente observava de longe.

Aaron encarou os dois que vinham em sua direção, preocupado com seu pai, que também encarava o seu próprio desafio. Ele havia ficado impressionado com a velocidade e força demonstrados por ele, mas não sabia quanto tempo aquilo duraria e, pelo que o Bak Karak disse, Aaron desconfiava que era aquela adaga que estava lhe dando aqueles atributos físicos espetaculares. Contudo, não tinha tempo para desperdiçar confabulando, ele precisava se concentrar nos seus adversários.

Eles aparentavam ser bem mais fortes do que os soldados que

derrotou na vila, além disso, ele não sabia como acessar seu poder e nem a atual extensão da sua força física ou velocidade. Entretanto, o que mais lhe preocupava era o tenente, que lhe parecia estar em um nível completamente diferente dos demais.

Os soldados aumentaram o ritmo da passada, fazendo com que Aaron focasse sua atenção, esquecendo por um momento o mundo a sua volta e suas preocupações. Um deles, que vinha mais a frente, era um brutamontes de mais de dois metros de altura, com músculos que eram visíveis através do grosso tecido de sua casaca, um maxilar potente marcava seu rosto quadrado, coroadado por uma careca reluzente. Já o outro, era mais baixo e esguio, com um olhar malicioso enrustado em seu rosto fino, dividido por um nariz protuberante.

A excitação da batalha iminente invadiu Aaron, fazendo seu coração pulsar ainda mais forte e seus sentidos se aguçarem. Com um movimento rápido da mão, o soldado mais magro disparou um projétil, que Aaron conseguiu desviar no último segundo, passando a poucos centímetros do seu peito. Aproveitando a deixa, ele entrou em ação, com sua velocidade aumentada, tentou cobrir a distância que restava entre ele e o soldado que o atacara, movimentando sua arma em um grande arco para acertá-lo com um golpe potente da lâmina negra e irregular mas, no último segundo, o brutamontes surgiu em sua frente utilizando seu braço esquerdo, que agora parecia ainda mais grosso do que antes, para aparar o golpe contra o cabo da lança, evitando a parte mais afiada da arma. No entanto, a selvageria do golpe, somados à força aumentada de Aaron e ao peso gigantesco da arma, fizeram o cabo da lança se afundar no antebraço impossivelmente musculoso do homem, quebrando seus ossos com um estralo sonoro. Mesmo assim, ele resistiu à investida,

obrigando Aaron a recuar, desviando de mais um projétil atirado pelo outro soldado.

Aaron não deu trégua, atacando novamente, antes que seus inimigos tivessem tempo para descansar. Utilizando sua velocidade, o garoto conseguiu desviar dos ataques a distância, se aproximando para mais um potente golpe. Contudo, novamente, o brutamontes se pôs na frente de Aaron, parando seu ataque com o braço esquerdo já danificado, aproveitando o momento para tentar acertar um soco potente que com sua mão direita, que provavelmente teria acabado a luta. Aaron foi obrigado a recuar para ainda mais longe dos seus inimigos.

O militar mais magro continuou disparando projéteis que saíam de duas fendas nas palmas de suas mãos, não dando folga para Aaron que se movimentava desviando de alguns dos disparos – que se fincavam profundamente na madeira do barco – e bloqueando outros com sua lança. Eles pareciam ser feitos de algum material natural e flexível, mas resistentes, como os espinhos de um ouriço, compartilhando, inclusive, a mesma coloração negra, só sendo maiores e mais grossos.

Aaron via, pelo canto do olho, que Jonas levava vantagem sobre seus inimigos, mas não era uma batalha fácil. Enquanto isso, o tenente continuava a observar a luta, em silêncio.

O brutamontes não parecia demonstrar dor pelos ferimentos causados por Aaron. A sua massa muscular havia aumentado ainda mais, lhe dando uma aparência estranha e pouco simétrica. Seu corpo crescente fazia rasgos em seu uniforme e veias pulsantes surgiam violentamente por sua cabeça. No entanto, ele apenas observava ao

lado do seu parceiro, enquanto este seguia disparando, obrigando o garoto a manter certa distância dos dois.

Aaron começava a entender o poder dos dois, e como eles agiam. Na rápida leitura feita por Aaron, ele só teria duas opções: atacar o escudo que era o brutamontes, até que quebrasse; ou tentar a sorte arremessando sua lança contra um dos dois em um ataque fatal. Se errasse o arremesso, perderia sua arma para o mar, e a grande vantagem que ela representava na luta. Então o garoto decidiu levar a primeira opção adiante.

Em uma nova investida, Aaron breçou seu movimento lateral repentinamente e partiu em uma linha reta contra a dupla de marinheiros. O Ouriço, como Aaron havia decidido chamar o mais magro dos dois, atirou dois espinhos em sua direção, enquanto o brutamontes se posicionava em sua frente. Aaron se lançou no ar com sua força, desviando dos projéteis e aterrissando atrás de seus adversários. Por um segundo, ele achou que teria o caminho livre para uma estocada que perfuraria os dois marinheiros em fila, mas o tenente Bak Karak surgiu ao seu lado, segurando sua arma pelo cabo, impedido que Aaron executasse o ataque final e dando assim tempo para que seus subordinados reagissem.

O Ouriço se virou rapidamente, atirando um projétil à queima-roupa, mirando no coração de Aaron, que conseguiu se mover um pouco para o lado, apenas o suficiente para que o espinho se fincasse em seu braço esquerdo. Aaron só conseguiu soltar um grito de dor antes de ser atingido pelo gigantesco punho do brutamontes, que o mandou voando contra a cabine do barco, destruindo as frágeis paredes e indo parar em cima da pequena mesa de jantar, levando-a ao chão.

Por alguns instantes, Aaron viu seu mundo escurecer e seu pensamento quase se perder, até a dor em seu peito e braço o trazerem de volta à realidade.

A força daquele homem era gigantesca, ele com certeza havia quebrado alguma costela. A dor aguda quando respirava era prova disso, mas pelo menos o espinho parecia só ter acertado músculos. Aaron se obrigou a levantar, arrancando o espinho de seu braço e se preparando para continuar lutando. Por sorte, se agarrou o máximo que pode a sua lança quando fora atingido, trazendo-a consigo.

Quando pôs os pés no convés novamente, viu seu pai, em um movimento metódico, próprio do seu estilo de luta, cortar a garganta de um dos seus adversários, recuando em seguida para perto de Aaron.

Jonas estava com a camisa branca coberta de sangue e um corte feio na bochecha direita. Apesar disso, não parecia ter nenhum ferimento grave.

— Você está bem? – A morte do marinheiro pareceu chocar seus companheiros, dando alguns segundos para que Jonas e Aaron se reestabelecessem e conversassem.

— Acho que quebrei algumas costelas, mas pelo menos meu braço não perdeu movimento nenhum. E você?

— Estou bem, mas estou velho, não sou mais o mesmo que costumava ser.

— Do que você está falando, você é inacreditável!!! – Aaron estava genuinamente impressionado com Jonas.

— É a adaga, ela suga minha força vital em troca de aprimorar meus atributos físicos, mas, como eu disse, estou velho, não tenho muito mais o que oferecer a ela. Se prepare, um oficial como Bak Karak, mesmo que apenas um primeiro tenente, estará em um nível completamente diferente. Temos que ficar juntos!

Os marinheiros os observavam da outra ponta do convés e o seu superior havia desembainhado sua rapineira, uma espada leve e fina, ideal para batalhas em navios e para se levar em alto-mar, uma arma bonita, sem muitos adornos, mas de aparência mortal.

— Vocês mataram um dos meus homens. Agora, eu vou ter que cuidar de vocês com minhas próprias mãos. — Com o olhar fixo em Aaron e Jonas, ele continuou, agora, falando para seus soldados. — Não interfiram.

A sua espada se iluminou levemente, revestida por uma energia vermelho-sangue, que tremeluzia encobrendo a arma por completo. Ele partiu para o ataque sem dar qualquer sinal. A sua velocidade e precisão eram infinitamente superiores à dos seus subordinados, o seu estilo de luta era acrobático, se utilizando da sua baixa estatura para fazer golpes em pleno ar, seguidos por rasteiras surpreendentes. Era difícil acompanhar seus movimentos, o que tornava quase impossível desviar ou apagar completamente seus ataques, deixando Jonas e Aaron com vários pequenos e médios cortes, feitos pela espada de Bak Karak.

Aaron ainda não havia entendido a função da energia conjurada pelo tenente em sua espada, já que não parecia a ter fortalecido ou aumentado seu poder de corte, por isso, o garoto mantinha um estilo de luta precavido, assim como Jonas, recuando até ficarem

encurralados contra os escombros da cabine.

Em um movimento rápido, Bak Karak pulou sobre Jonas com uma cambalhota, atacando-o em pleno ar, com um golpe circular, se aproveitando do movimento do seu corpo. Jonas conseguiu desviar no último momento, pulando para longe de Aaron e da cabine, mas o oficial, não vacilou por um segundo, aterrissando e já tomando um novo impulso contra a parede de madeira destruída, direcionando seu ataque a Aaron, que foi surpreendido, e não conseguiu desviar a tempo. A rapineira de seu inimigo abriu um rasgão enorme em seu peito, da sua escápula direita até a base das costelas do lado esquerdo. Aaron sentiu a pele queimar de um jeito diferente e pulou para longe, com a mão sobre o corte, a lança em guarda, tentando ignorar o ferimento.

Aaron pensou que a sucessão de ataques continuaria, mas Bak Karak, parou, encarando os dois:

— Está claro que vocês são inferiores a mim em combate. Se rendam e lhes darei uma morte rápida. — Ele olhava sério para os dois.

Aaron sentia uma dor lancinante em seu peito, mas além disso, ele sentia sua energia se esvaír pelo ferimento, de uma maneira pouco natural. Era como se ele fosse uma bexiga cheia de água, coberta de furos. O seu vigor parecia lhe escapar por cada ferimento feito pelo oficial da marinha.

— Eu tenho uma proposta. Vocês me levam, mas deixam o meu filho viver. — Jonas tinha um semblante resoluto, de quem não estava em uma situação tão crítica assim.

— Vocês não estão em situação de negociar. Cada ferimento feito

por minha espada é uma abertura por onde eu sugo Sjal de vocês. Vocês provavelmente nem repararam, mas já estão completamente exaustos... olhem para minha espada! – A energia que cobria a arma se expandiu, quase dobrando, o vermelho agora brilhava emitindo um trepidar ameaçador. – A arma de vocês não resistirá aos golpes da minha lâmina, vocês estarão derrotados em mais três ataques.

Aaron olhava para aquilo tudo estático, se sentindo mais cansado a cada segundo – a lança em seu braço começava a mostrar o seu peso e seus músculos doíam e queimavam de exaustão – mas ele não admitiria a derrota, ele não podia admitir. Aquilo não podia acabar assim, mal havia começado.

– Você coloca muita confiança neste seu poder. – Jonas tinha uma voz tranquila, como um mestre que ensina a um pupilo. – Mas minha proposta ainda está de pé: deixem meu filho ir e eu irei com vocês.

– Quando chegarem no submundo, lembrem que lhes ofereci misericórdia! – A raiva finalmente surgiu na voz do tenente, que disparou para o seu ataque derradeiro.

– Esperava não ter que fazer isso! – Jonas deu uma última olhada para Aaron, com os olhos cheios de amor, tentando transmitir tudo que não pôde falar durante todos aqueles anos, todos os sentimentos, todos os valores, todo o amor e todo o bem que Aaron havia feito àquele pobre homem.

Em um movimento sereno, com Bak Karak a poucos centímetros de desferir seu golpe, Jonas levantou sua adaga e a cravou em seu próprio coração.

Aaron gritou confuso, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa,

uma explosão de energia vinda de Jonas mandou todos voando para trás. O garoto bateu com força contra a mureta do barco, onde foi mantido pela força da energia que continuava a emanar de seu pai.

Ele devia ter perdido a consciência por alguns segundos, pois agora Jonas flutuava a alguns centímetros do chão, envolto por uma energia azul espectral, seus olhos se tornaram dois fochos completamente azuis, enquanto a lâmina da adaga havia sido engolida por sua pele, deixando apenas o cabo de madeira de fora, de onde saíam raízes que envolviam e penetravam o seu peito.

Os marinheiros imperiais olhavam assustados para aquele homem, que deixara de ser um simples comum, para se tornar uma figura absurdamente poderosa e intimidadora.

— Quando estivermos no submundo, lembrem-se que lhes ofereci misericórdia. — A voz de Jonas não era a mesma, pareciam várias vozes falando em uma só, sinistra, antiga.

Aaron mal conseguia acompanhar os movimentos do seu pai, que pareceu se teletransportar para o lado de Bak Karak, que ainda tentou desferir um golpe de sua rapineira e foi impedido por Jonas, que utilizou sua mão esquerda para segurá-lo pelo pulso e a mão direita para quebrar o braço do seu inimigo, fazendo seu cotovelo dobrar no sentido contrário. Em um movimento contínuo, Jonas esmagou o crânio de Bak Karak contra o chão do barco, a madeira estralou alto ao se partir, afundando o convés, matando-o.

Os outros marinheiros tentaram fugir de volta para o KingsRamson, mas foram mortos antes que conseguissem.